

O IMPACTO DA PANDEMIA DO COVID-19 NAS NOTIFICAÇÕES DE VIOLÊNCIA CONTRA ADOLESCENTES NO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO DESCRITIVO

JÉSSICA RODRIGUES GOMES¹; TYELE GOULART PERES²; MARIANA LIMA CORRÊA²; SIMONE DOS SANTOS PALUDO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – je.rodriogues@hotmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – ptyele@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – marii_lima_correa@hotmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – simonepaludo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, a violência é considerada um problema de saúde pública, constituindo uma das principais causas de mortalidade de adolescentes e de jovens adultos (Organização Mundial da Saúde, 2018). Segundo o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde (OMS, 2002), o conceito de violência interpessoal abrange a violência intrafamiliar (entre membros da família), doméstica (parceiros íntimos), extrafamiliar ou comunitária (OMS, 2002). Em 2015, 11.403 adolescentes de 10 a 19 anos foram assassinados no país (Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, 2020). De acordo com o Índice de Homicídios na Adolescência (IHA) houve uma tendência de aumento dos homicídios na faixa etária de 12 a 18 anos, caracterizando o grupo em que ocorre maior número de pessoas assassinadas proporcionalmente na população (UNICEF, 2017).

Ser vítima de violência na adolescência pode acarretar efeitos adversos na saúde física e psicológica ao longo de toda a vida (OMS, 2015). De acordo com uma metanálise, ter sofrido violência física e/ou sexual durante a adolescência aumenta a chance de desenvolver depressão na vida adulta (Gallo et al., 2018). Além disso, a vitimização juvenil relaciona-se fortemente com maiores índices de perpetração de violência futura (Ribera et al., 2019).

Recentemente, o distanciamento social imposto pela pandemia do COVID-19 tem potencializado as ocorrências das violências (Vieira, Garcia, Maciel, 2020; Marques et al., 2020). Considerando que, muitas vezes, as situações de violência são oriundas no contexto familiar da vítima (Costa et al., 2007), o recolhimento ao ambiente doméstico tem representado maior exposição ao perigo (Vieira et al., 2020; Marques et al., 2020). A diminuição do contato com amigos e outros familiares fora do ambiente domiciliar também pode representar um fator de risco, uma vez que eles que poderiam oferecer suporte social no enfrentamento das situações de violência. Assim, torna-se de suma importância verificar o panorama das ocorrências de violência entre adolescentes e jovens, especialmente no atual cenário pandêmico. Dessa forma, o estudo objetivou avaliar o impacto do distanciamento social, decorrente da pandemia do COVID-19, nas notificações de violência interpessoal no estado do Rio Grande do Sul.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo a partir de dados secundários da Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul. Os dados foram coletados no Portal Bi Saúde no painel de Violência Interpessoal/Suicídio com os filtros de março a agosto

nos anos de 2019 e 2020 e de faixa etária 10 a 19 anos de idade. Foi escolhido o período de março a agosto por configurar os meses do distanciamento social até o momento. Realizou-se análise descritiva através das taxas gerais e segundo o tipo de violência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O total de notificações de violência contra adolescentes nos anos de 2019 e 2020 foi de 6.234 em uma população de 3.332.934 em todo estado do Rio Grande do Sul. Segundo os dados coletados, teve-se 4.138 notificações de violência entre março a agosto no ano de 2019. Já em 2020, no mesmo período, foram 2.096 notificações. A taxa de notificação de violência foi de 248,31 por 100.000 habitantes em 2019 e de 127,78 por 100.000 habitantes em 2020.

A partir disso, sugere-se uma queda das notificações de violência, quase pela metade, no ano de 2020 quando comparado ao ano de 2019. Tais dados devem ser interpretados com cautela. Devido à pandemia do COVID-19, houve uma redução no acesso às redes de apoio às vítimas de violência, como como setores de assistência social, de saúde e de segurança pública (Vieira et al., 2020). Além desses setores terem sofrido alterações em seu funcionamento, as vítimas encontram-se em recolhimento doméstico, o que pode dificultar a realização de notificações. Ainda, houve uma redução no acesso as redes, como escolas, universidades e trabalho, ambientes que servem como suporte social e, muitas vezes, identificam a suspeita de violência.

Ao se fazer uma breve revisão sobre a temática nas mídias sociais e meios informativos, percebe-se que o aumento da violência contra a criança e adolescente durante o período de distanciamento social é uma realidade em vários países, inclusive no Brasil (Marques et al., 2020). Instituições que compõem a rede de proteção de crianças e adolescentes também têm observado um aumento no número de casos (Marques et al., 2020).

A partir da figura 1, pode-se observar que as violências mais prevalentes foram a física e a sexual em 2019, o que permaneceu o mesmo em 2020 (Figura 2). Além disso, verificou-se um pequeno aumento em ambas as prevalências, comparando 2019 com 2020.

Figura 1. Total de Notificação de Violência nos anos de 2019 por tipo de violência

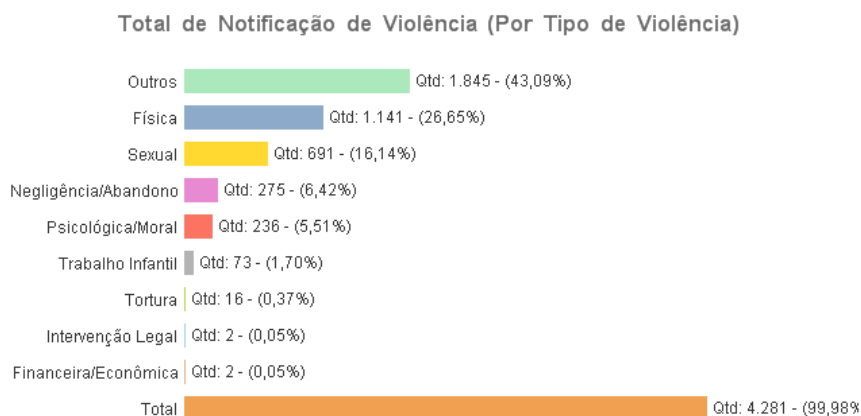
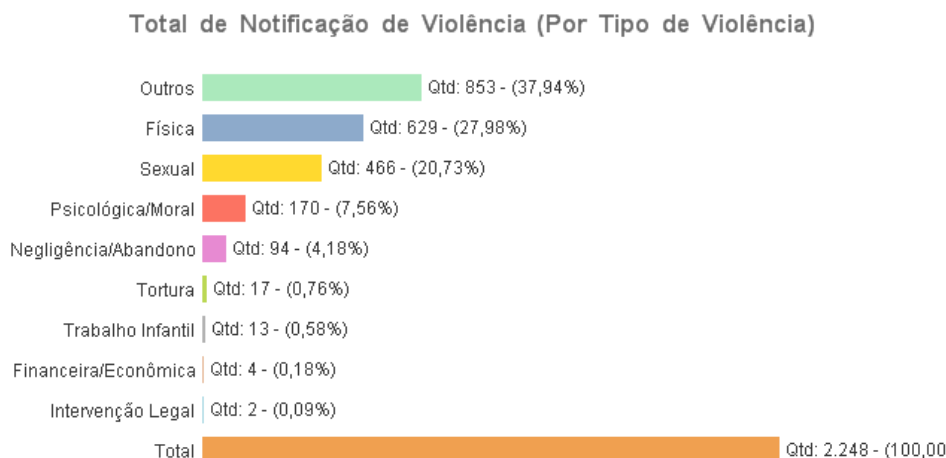


Figura 2. Total de Notificação de Violência nos anos de 2020 por tipo de violência



4. CONCLUSÕES

De acordo com o exposto, percebe-se que as notificações de violência nos órgãos oficiais podem não representar da melhor forma a realidade que os adolescentes têm enfrentado durante a pandemia, mas podem ajudar a compreender o cenário atual. Assim, salienta-se a importância de fomentar outras redes de apoio aos adolescentes, bem como articular estratégias para o monitoramento e prevenção das ocorrências de violências durante o cenário pandêmico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, Maria Conceição Oliveira et al. O perfil da violência contra crianças e adolescentes, segundo registros de Conselhos Tutelares: vítimas, agressores e manifestações de violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, p. 1129-1141, 2007.
- FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA - UNICEF. Proteção de crianças e adolescentes. Acessado em 28 out, 2020. Online. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/protacao>
- GALLO, Erika Alejandra Giraldo et al. Gender differences in the effects of childhood maltreatment on adult depression and anxiety: a systematic review and meta-analysis. **Child abuse & neglect**, v. 79, p. 107-114, 2018.
- MARQUES, Emanuele S. et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, e00074420, 2020.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.
- _____. Global accelerated action for the health of adolescents (AA-HA!): guidance to support country implementation: summary. In: **Global accelerated action for the health of adolescents (AA-HA!): guidance to support country implementation: summary**. 2017.



VIEIRA, Pâmela Rocha; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela?. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, p. e200033, 2020.